

D. SEBASTIÃO, “O ILUMINADO” DE AMADEU LOPES
SABINO

*D. Sebastião, O Iluminado, by Amadeu
Lopes Sabino*

Glaucianne Silva dos Santos*

“Afinal..., por que não prendemos este louco?
Prendê-lo..., ao nosso rei?!”
(José Régio, em *El-Rei Sebastião*, p. 194-195)

No conto “O iluminado”, publicado no livro *O retrato de Rubens*, em 1985, o escritor Amadeu Lopes Sabino faz uma articulação entre realidade histórica e ficção ao recriar a personagem histórica de D. Sebastião na célebre batalha de Alcácer-Quibir. Partindo de um “real”, isto é, das fontes históricas acerca da figura de D. Sebastião e da batalha, o autor conduz o leitor para a “fantasia”, numa história de sobrevivência do rei português após a batalha, apropriando-se do episódio lendário da entrada do rei em Arzila.

“O iluminado” inicia-se inteiramente fundamentado numa pesquisa histórica, conforme pode ser observado por meio do discurso de um narrador onisciente que constrói e explora com agudeza o episódio histórico narrado. Ao longo da narrativa, o narrador revela suas fontes, o que permite ao leitor perceber que está diante de um narrador que é também um leitor, isto é, um conhecedor daquele passado que conta:

* Universidade Federal do Paraná

Os racionalismos anti-sebastianistas, para quem a História é um beatífico acto da Razão, vêem no Desejado um louco. António Sérgio, refere-se-lhe nestes pedagógicos termos: "Não é propriamente a imprudência o que deploramos em D. Sebastião, mas a estupidez, o desvairamento, a tontaria, a explosividade mórbida, a ferocidade inútil, a pataraticice constante deste impulsivo degenerado..."; e, noutro texto, qualifica-o de tresloucado, pateta e fanfarrão... (SABINO, 1985, p. 70)

No trecho citado acima, observa-se também a ironia do narrador, por meio da escolha de palavras como "pedagógicos termos" para referir-se ao descomedimento com o qual o pensador português António Sérgio descreveu, em sua época, a figura do rei, declarando-o um "impulsivo degenerado", "tresloucado, pateta e fanfarrão", termos em nada considerados "pedagógicos". Este exagero exacerbado de António Sérgio em relação a figura de D. Sebastião pode ser observado ainda no seu ensaio *Interpretação não romântica do sebastianismo*, de 1920, no qual o autor se refere ao rei como sendo um "inexcedível pedaço de asno", ainda que esta citação não conste em "O iluminado".

Este estilo sutilmente irônico de narrar os fatos pode ser percebido ao longo do conto na utilização de uma linguagem que apresenta refinadas insinuações por parte do narrador em seus comentários. Como exemplo deste procedimento, tem-se o seguinte trecho:

O espectáculo era, a um tempo, trágico e grotesco, e, para lhe emprestar características ainda mais portuguesas, não faltava no séquito real um poeta menor, encarregado de narrar os ilustres feitos lusos. (SABINO, 1985, p. 73-74).

Em "O iluminado", o narrador vai revelando as variadas fontes documentais que compõem a sua história:

António Sardinha aproximou o sebastianismo do quixotismo, e Tomás Ribeiro Colaço admite que a figura do engenhoso fidalgo manchego tenha sido inspirada a Cervantes por D. Sebastião; tenha-o ou não, certo é que a campanha marroquina do rei de Portugal, em que todo o país, da nobreza ao povo, a gosto ou a contragosto se empenhou é quixotesca *avant la lettre*. (SABINO, 1985, p. 70)

No entanto, conforme se observa neste trecho, o narrador não se prende inteiramente às versões dos fatos apresentadas pelos historiadores, refletindo a sua incerteza quanto a elas nas palavras “*tenha-o ou não*”, e ainda, “*a gosto ou a contragosto*”, e também direcionando a narrativa de acordo com as suas próprias considerações acerca dos fatos (“certo é que a campanha marroquina do rei de Portugal (...) é quixotesca avant la lettre”). Também como exemplo desta forma de proceder, em um outro momento, o narrador afirma: “Verdadeira ou falsa esta missiva, certo é, porém, que D. Sebastião entendeu a marcha do exército de Abdelmaleque como um desafio a que não quis deixar de responder” (SABINO, 1985, p. 76). Assim, entende-se que, para o narrador, os documentos dos quais ele apropria-se para construir a sua história são considerados apenas enquanto textos que apresentam versões do fato acontecido. Ou seja, os relatos históricos são relativizados (“Verdadeira ou falsa esta missiva”), pois são apenas documentos e não “espelhos” da verdade, ou ainda, transparentes à verdade. São opacos. São textos.

Nas descrições da figura de D. Sebastião, o narrador afirma o quanto o rei “ansiava por devotar-se à guerra santa” (SABINO, 1985, p. 70). Possuidor de um temperamento desejoso de competição, “a mente exaltada de D. Sebastião viu logo em Abdelmaleque mais um rival do que um inimigo” (SABINO, 1985, p. 69). E, na composição da figura do rei, o narrador prossegue: “ele quer destroçar os exércitos infiéis em Marrocos e sagrar-se herói, ofuscando a fama marçiana do xerife árabe” (SABINO, 1985, p. 71-72). Em um outro trecho ressalta: “mas o príncipe cristão, Galaaz e Quixote, deseja combater, não quer apenas uma vitória acidental” (SABINO, 1985, p. 75).

Observa-se então que as descrições de D. Sebastião apontadas pelo narrador como sendo um rei “fanático, puro e casto”, que “sonhava ser capitão da crença, cometendo os feitos de um cavaleiro andante” (SABINO, 1985, p. 72), e ainda, que “dominado pelo propósito da pureza, afastava-se de qualquer contacto físico com os seus semelhantes e aspirava apenas à relação com o divino” (SABINO, 1985, p. 73), possibilitam a associação do rei, “o último rei cavaleiro do Ocidente” (SABINO, 1985, p. 69), às figuras dos heróis das novelas de cavalaria Galaaz e Quixote. Galaaz é um cavaleiro perfeito, puro e sem pecados. Trata-se de um tipo ascético, que luta contra os apelos da carne, evita o amor e apresenta-se puro e virgem em sua luta pela conversão dos pagões. Assim, Galaaz é considerado o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linhagem de Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas de sua terra e das outras terão fim. Assim, D. Sebastião, “admirador convicto da cavalaria medieval” (SABINO, 1985, p. 70), comportava-se como um perfeito sucedâneo de Galaaz ou outros cava-

leiros medievais, embora já estivesse vivendo no Renascimento. Neste sentido, o narrador de "O iluminado" afirma que "D. Sebastião foi sobretudo um caso de anacronismo" (SABINO, 1985, p. 70).

O narrador, conforme dito anteriormente, faz conhecer sempre que a narrativa está assentada em pesquisas históricas: "Decorre dos textos que o Desejado pretendia à viva força defrontar-se e derrotar Abdelmaleque" (SABINO, 1985, p. 71); "Os cronistas contam como o Desejado viveu desde menino uma obsessão" (SABINO, 1985, p. 72). Num outro momento o narrador afirma: "Na crônica atribuída a Bernardo Gomes de Brito, escreve-se que D. Sebastião estava então (enlevado no desejo de dar batalha)" (SABINO, 1985, p. 75); e ainda: "(Dalli a três dias se havia de ver com o Moluco), escrevem os cronistas" (SABINO, 1985, p. 77).

O biografema da castidade e religiosidade de D. Sebastião, conforme apontamento anterior, é retomado dentro da narrativa enquanto esta funda-se no plano "histórico" que o narrador constrói. No entanto, a idéia da castidade é desconstruída posteriormente na seqüência da narrativa, enquanto esta funda-se no plano "imaginativo" que o narrador constrói, quando o protagonista experimenta uma relação sexual: "E, no meio desse cosmos desordenado e inseguro, os dois amavam-se como o primeiro homem e a primeira mulher da Criação..." (SABINO, 1985, p. 90)

Um outro dado histórico retomado pelo narrador diz respeito ao flagrante exagero de ostentação por parte do exército português no dia de sua embarcação para a guerra. Este fato é assim descrito pelo narrador do conto: "A competição entre os grandes do reino espelhava-se na cópia de colgaduras, brocados, sedas e adornos, nas flâmulas e nas tendas, nos galhardetes e nas armaduras." (SABINO, 1985, p. 73)

Em 1879, o historiador português Oliveira Martins, publica sua *História de Portugal*, na qual afirma, a respeito de D. Sebastião, que "Portugal era uma nação de loucos perdidos, e no moço rei encarnara toda a loucura do povo" (OLIVEIRA MARTINS, 1951, p. 342). O texto de Oliveira Martins foi de grande importância para a revivescência da discussão sebastiana no final do século XIX e início do século XX. Após *História de Portugal*, surgem textos como *O encoberto*, em 1904, de Sampaio Bruno; *Interpretação não romântica do Sebastianismo*, em 1920, de Antônio Sérgio; *D. Sebastião, rei de Portugal (1554 – 1578)*, em 1924, de Antero de Figueiredo; para os quais Oliveira Martins passou a ser referência fundamental, ora vista positivamente, ora negativamente.

Assim sendo, a respeito do episódio que relata a ostentação do luxo do exército português, descrito pelo narrador de "O iluminado", pode-se perceber uma aproximação com as descrições feitas pelo historiador Oliveira Martins, em sua *História de Portugal*, o qual afirma que:

Os fidalgos tinham-se empenhado em aparecer bem na corte; e a porfia exagerava o fausto até onde não fora ainda, porque ninguém queria parecer menos do que o vizinho, nem fazer pior figura... Trajavam de galas, com gibões de veludo, de cetim ou de damasco, ornados de alamares e rendilhas e passamanes de ouro. Traziam nos chapéus tranças cravejadas de pedras rutilantes, e as capas bandadas de veludo e torçais. Esmaltavam de ouro as esporas; e os arreios dos cavalos, as cabeçadas e estribeiras eram lavrados, com borlas de ouro; as mochilas e cobertas de veludo, franjadas de ouro ou prata... (OLIVEIRA MARTINS, 1951, p. 355)

Diante destas considerações, é possível observar que o narrador de “O iluminado” mantém o seu discurso sobre o acontecimento da batalha de Alcácer-Quibir atrelado ao discurso histórico existente sobre a mesma.

Ao tratar de Molei Abdelmaleque, o rival de D. Sebastião em Marrocos, o narrador afirma que “este xerife era um homem sensato” (SABINO, 1985, p. 74), e utiliza-se da seguinte fonte histórica para descrevê-lo:

Um jornal de Casablanca, num recente número comemorativo de mais um aniversário da vitória árabe, descreve-o como tolerante e afirma que os cargos de confiança da sua corte estavam nas mãos de Judeus e Cristãos. “*On mesurera*”, escreve o jornalista, “*l’esprit de tolérance du Maroc, alors que se vivaient en Europe les horreurs de l’Inquisition et les persécutions religieuses*”. (SABINO, 1985, p. 74)

O narrador apropria-se também das fontes históricas árabes acerca da batalha para compor a sua história:

Conta o cronista árabe El Ifrani que Abdelmaleque, já convicto da inevitabilidade do confronto, desafiou D. Sebastião quando este, em Arzila, hesitava entre tomar Larache por terra ou por mar. “Destes” – escreve-lhe – “prova de coragem saindo da vossa terra e atravessando o mar para virdes até ao meu reino. Vou gastar dezasseis dias de marcha para ir ao vosso encontro. Não gastareis um para vos encontrardes comigo?” (SABINO, 1985, p. 76)

Ao descrever o episódio da batalha, o narrador revela, mais uma vez, manter-se embasado no discurso histórico:

D. Sebastião monta o Pérsio e, de elmo levantado e lança na mão, dirige uma prática aos comandantes dos terços, exaltando os feitos bélicos dos Portugueses. É, nas palavras de Oliveira Martins, "um rapaz antes baixo do que alto, de olhos azuis, com a tez branca pintada um tanto de bexigas, e o beijo inferior dos Habsburgos"; enverga uma armadura nova, de tons azulados e perfilada de ouro. À luz violenta da manhã africana, parece um ídolo pagão da guerra. (SABINO, 1985, p. 78)

A imagem que se forma a partir das palavras do narrador revela todo o contraste e contradição existente naquele cenário da batalha. D. Sebastião não se inseria, juntamente com os seus, naquela "manhã africana" e naquele terreno onde sua pretensão era a conquista em nome da fé cristã. Antes de tudo, a imagem do rei representava "um ídolo pagão" daquela guerra que ele queria chamar de "santa". E o narrador prossegue na descrição da batalha:

Ferida num campo raso, sem vegetação nem acidentes, a batalha durará umas escassas quatro horas. Parte dela será um duelo fantástico entre um xerife morto e um rei cristão dominado por uma jactância inaudita e poética, trágica e cega como todas as obsessões. "A principal razão", escreve Queirós Veloso, o autor da mais erudita das modernas biografias de D. Sebastião, "o verdadeiro fundamento por que caiu o exército cristão, foi a absoluta carência de direcção e de comando. Faltava-lhe um chefe." (SABINO, 1985, p. 79)

E é assim que o exército português fica para sempre derrotado nas areias de Alcácer Quibir. A obsessão "cega e trágica" do rei português arrastou consigo todo o povo naquele "duelo fantástico" e carente de uma estratégia de guerra e de um líder experiente.

Esta "obsessão cega" no espírito do rei português que o impossibilitou de ouvir os mais experientes e criar uma estratégia de guerra adequada é assim descrita por Oliveira Martins:

Os capitães experimentados e prudentes propunham que se não abandonasse a costa, cooperando com a esquadra, e tendo, como apoio as praças portuguesas de Tânger – e de Arzila, que já no tempo de D. Sebastião voltara a ser cristã. O rei opôs-se terminantemente a um tal plano: queria internar-se em Marrocos, vencer o inimigo em sua casa, e, numa carreira fulminante, ir a Fez coroar-se imperador. A temeridade era tão grande, que pela cabeça de alguns passou a idéia de o prender... (OLIVEIRA MARTINS, 1951, p. 357-358)

O sábio poeta Camões, contemporâneo de D. Sebastião, já o havia advertido em seu poema *Os Lusíadas*, dedicado ao rei português, quanto ao seu espírito aventureiro e inexperiente, e parece que também não foi ouvido pelo rei: “A disciplina militar prestante / Não se aprende, Senhor, na fantasia / Sonhando, imaginando ou estudando / Senão vendo, tratando e pelejando” (CAMÕES, 1980, p. 402).

E assim, o narrador de “O iluminado” chega ao final da narração da batalha revelando o desaparecimento de D. Sebastião nas areias do território inimigo: “esse ficaria para sempre no imaginário ocidental como o rei que, nas palavras de Borges, ‘en el místico desierto se perdió y el que jura que no ha muerto’” (SABINO, 1985, p. 79).

De acordo com o historiador OLIVEIRA MARTINS (1951, p. 360), “os que puderam escapar não viram o rei imberbe cair nem morrer; ficou obscuramente enterrado nas ruínas da sua loucura...” Assim, o não reconhecimento do corpo de El-Rei foi o fato que abriu espaço no imaginário português para o nascimento do mito sebastianista, ou seja, a crença de que o rei estaria vivo e voltaria ao trono português, resgatando os tempos de glória.

A citação feita pelo narrador do escritor Borges, de que o rei “en el místico desierto se perdió...”, não está no conto “O iluminado” por acaso. É ela quem dá ao narrador o mote para construir, na seqüência de sua história, a figura do “homem que se perdera” e que protagoniza a segunda parte do conto, correspondente à narrativa decorrente de um plano de “imaginação” do autor.

Após a citação do trecho de Borges, tem-se a primeira interrupção da narrativa. Ou seja, há uma indicação textual, representada por uma lacuna, que revela ao leitor a delimitação existente entre a reconstrução histórica feita pelo narrador e baseada nas suas pesquisas e o que vem a seguir, isto é, a apropriação da lenda de D. Sebastião às portas de Arzila como fio condutor para a entrada na narrativa “imaginada”, isto é, inteiramente “ficcional”.

Oliveira Martins afirma que, dentre as suspeitas da sobrevivência de el-rei, havia o episódio de Arzila, no qual o povo acreditou estar D. Sebastião à salvo:

Um fugitivo, mascarado, batera depois da batalha às portas de Arzila, e para que lhas abrisse dissera-se D. Sebastião. De nada valeu o depoimento do capitão de Arzila, nem do próprio autor da mentira. O povo acreditava que tais notícias eram embustes, armados contra a sua esperança pelos miseráveis, vendidos e poderes, que o governavam. Tinham covardemente abandonado o

herói, e agora, temiam-lhe a cólera: porque ele voltaria a julgá-los, a condená-los. (OLIVEIRA MARTINS, 1951, p. 368-369)

Importante observar aqui o fato de que, em 1867, no romance *O Senhor do paço de Ninães*, Camilo Castelo Branco já havia feito referência ao episódio de Arzila, o qual permitiu a crença portuguesa de que o rei estaria vivo. No entanto, no romance de Camilo, a referência ao episódio de Arzila não ocorre com a mesma finalidade que no conto "O iluminado". Em *O Senhor do paço de Ninães*, Camilo não apresenta dúvidas de que o rei morreu na batalha de Alcácer Quibir:

D. Jerónimo continuou:

- Está-me aqui dizendo que foi do terço dos aventureiros em Alcácer-Quibir.

Gargalhada compacta do auditório.

- Mas – disse plácidamente Rui – não fui daqueles que, na noite da derrota, foram bater às portas de Arzila, dizendo que ia ali o rei! (BRANCO, 1950, p. 149)

O narrador de "O iluminado" apropria-se desta lenda da chegada de D. Sebastião às portas de Arzila para ficcionalizar um destino para o rei sobrevivente à batalha. Interessante observar que, antes de Amadeu Lopes Sabino, Aquilino Ribeiro, em sua *Aventura maravilhosa*, publicada em 1936, já havia feito uso do mesmo episódio referido nas crônicas sobre a batalha e narrado por Oliveira Martins, em sua *História de Portugal*.

Assim, o que se observa é uma aproximação do episódio de Arzila no conto "O iluminado" com o episódio criado por Aquilino Ribeiro, em sua *Aventura maravilhosa*. Neste romance, a narrativa apresentada após a batalha de Alcácer Quibir é a seguinte:

Seguiram os três o caminho de Arzila a passo moderado debaixo do sol de rachar. Altas horas batiam às portas da praça. Não lhes queriam abrir. Tornaram a bater. Um vulto assomou às ameias, no cubelo, e Frei Salvador da Torre proferiu em alta e firme voz:

- Abram que é el-rei.

Em menos de dois credos as portas rangeram nos gonzos; o sargento-mor, velho e inválido fronteiro, curvava-se até o solo, embaraçado com as congratulações:

- Bem-vindo sejais, senhor, e graças a Deus estais vivo! (RIBEIRO, 1985, p. 23)

No conto “O iluminado”, o que se observa é uma descrição semelhante:

.. A sentinela bradou às armas e um dos oficiais da guarda ordenou que perguntassem quem vinha. – Abri que é El-Rei, abri depressa –, gritou um dos vultos.
O oficial mandou abrir e conduziu os recém-chegados até à antecâmara do fronteiro da praça.
- Senhor, graças a Deus estais a salvo! ... (SABINO, 1985, p. 79-80)

O diálogo existente entre as duas obras ainda permanece na recuperação da idéia de vida penitente a qual o sobrevivente quer ordenar-se. Em *Aventura Maravilhosa*, o seguinte trecho é ilustrativo desta idéia: “– Sim, é ele (el-rei). É ele, mas não quer que o tratem como quem é. Assentai, senhor Manuel Antunes, que é um pecador e penitente sem nome que está diante de vós!” (RIBEIRO, 1985, p. 30).

Esta intenção do rei em esconder a sua verdadeira identidade e penitenciar-se pelos erros de uma vida desordenada é recuperada em “O iluminado”, conforme se observa no seguinte trecho:

... Não falais com El-Rei de Portugal mas sim com um triste homem que se perdeu (...) O rei de Portugal combateu bravamente e ficou para sempre no campo de batalha. Não aguardemos o seu regresso; rezemos juntos pela remissão dos seus pecados (...) o personagem de negro que se mantinha recolhido num dos aposentos da alcáçova era apenas um pobre homem que pretendia que o deixassem meditar e orar. (SABINO, 1985, p. 80)

É importante ressaltar que o fato do narrador de “O iluminado” não nomear o rei D. Sebastião na segunda parte do conto e apenas referir-se a um certo “homem que se perdera” cria, dentro da narrativa, um clima de “nevoeiro” e de indefinição. Neste ponto, a narrativa de Sabino difere da narrativa do Aquilino, pois este deixa claro que o homem em penitência é, sem dúvidas, o rei de Portugal, D. Sebastião.

Dito isto, observa-se, na seqüência do conto “O iluminado”, a descrição deste “homem que se perdera” e que meditava acerca de um novo destino enquanto a esquadra, na qual estava embarcado, estava parada em Larache no aguardo de sua decisão:

Durante o dia, o homem olhava em silêncio o mar de um cobalto espesso e murmurava uma ladainha, uma memória, quem sabe se um lamento; à noite, no castelo da popa, encostado à amurada, observava o trânsito dos astros, buscando com pavor e dúvida um ínfimo sinal dos céus. (SABINO, 1985, p. 81)

Utilizando-se ainda de fontes históricas que informam sobre este episódio de Arzila e a possível sobrevivência do rei, o narrador afirma:

De madrugada, a armada rumou com destino ao Tejo; conta um autor sebastianista, Antero de Figueiredo, que D. Diogo confirma em Lisboa, "em poucas e ltuosas palavras", a notícia da grande catástrofe, mas que, a respeito da pessoa do rei, é "obstinadamente silencioso". (SABINO, 1985, p. 81)

A idéia de o rei estar ou não em Arzila, preparando-se para voltar à Portugal, faz parte dos relatos históricos da batalha de Alcácer Quibir, como o de Oliveira Martins, citado anteriormente, e como o de Antero de Figueiredo, citado pelo narrador.

No seu texto, *D. Sebastião, rei de Portugal (1554 – 1578)*, publicado em 1924, Antero de Figueiredo revela que:

... entra no Tejo parte da esquadra que estivera fundeada em Larche, de guarda às costas do exército de terra. E seu capitão D. Diogo de Sousa que, semblante contristado, confirma em poucas e ltuosas palavras, a notícia da grande catástrofe; mas a respeito da notícia da pessoa do rei é tão obstinadamente silencioso, que logo, à bôca pequena, corre a voz de que êle o trouxera escondido a bordo... (FIGUEIREDO, 1925, p. 26)

Assim, tem-se o aproveitamento desta lenda da sobrevivência do Rei e de sua chegada em Arzila pelo narrador de "O iluminado". Observou-se já aqui que, Aquilino, em sua *Aventura maravilhosa*, também já tivera se apropriado desta lenda para criar uma história de D. Sebastião vivo após a batalha e em busca de penitência pelos seus pecados.

No entanto, os destinos do rei sobrevivente à batalha nas narrativas de Aquilino Ribeiro e de Amadeu Lopes Sabino diferenciam-se. No conto "O iluminado", a partir deste ponto, há uma segunda indicação textual, um espaço vazio separando a narrativa. O narrador apropria-se desta "lacuna" na História, para criar a sua própria história sobre a sobrevivência de D.

Sebastião. A partir daí, o que se segue é uma completa liberdade imaginativa do narrador, que se inicia da seguinte forma:

Cerca de quatro anos depois, o homem que se perdera logrou abrigo na Cartuxa de las Cuevas, a uma légua de Sevilha, onde foi recebido a pedido de um seu compatriota, professo no convento dos capuchos do cabo de S. Vicente. (SABINO, 1985, p. 82)

E, no diálogo do “homem que se perdera” com o abade da Cartuxa, observa-se as suas intenções acerca de sua nova vida:

... Passei estes anos no isolamento total de uma cela do mosteiroinho algarvio (...) Vergado pelo peso de um atroz arrependimento, pretendo tornar-me digno de um encontro com Deus. Julgo que chegou a hora de abandonar a contemplação e de me dedicar a uma actividade no mundo. Peço-vos a discrição dos prudentes. Longe da minha terra, numa cidade como a vossa, poderei consagrar-me a um trabalho, ao mais humílimo dos trabalhos. Até agora procurei matar a angústia. Chegou o momento de matar a soberba. (SABINO, 1985, p. 82)

Este “homem que se perdera” parte então em busca de sua penitência. O reconhecimento de suas culpas e de seu arrependimento pela vida que tivera fica evidente em alguns trechos, como o citado abaixo:

– A minha verdade, ó Deus –, disse o homem em voz baixa e soluçante, olhando o crucifixo suspenso da parede, – não participa de enigmas. Sei que os meus erros são cravos da tua cruz. Só eu tenho sido corsário da minha própria vida, o Turco do meu destino. Conseguirei transformar o meu castigo em galardão, tal como um dia será dado a estes humildes? – (SABINO, 1985, p. 84)

E, em outro trecho, na fala do “homem que se perdera” com Doña Teresa, para quem ele vai trabalhar como tratador de cavalos, tem-se a seguinte revelação:

Ordenei o destino de homens e animais, exerci uma espécie de império que não admite a dúvida. Experimentei a desordem dos ânimos e as quedas da alma. Fui guerreiro e fiz-me recoleto. Acei-

tei regras, quero agora que me imponham uma tirania. (SABINO, 1985, p. 85)

Este homem que fora *guerreiro* e fizera-se “recoleto”, que exercera “uma espécie de império que não admite a dúvida”, não é nomeado na segunda parte do conto, ao contrário, é apenas referido como o “homem que se perdera”. Esta não nomeação do homem que se perdera pode ser relacionada com a própria “lacuna” existente na História. Esta lacuna funda-se na impossibilidade de se saber o verdadeiro destino de D. Sebastião, o rei que, nas palavras de Borges, “en el místico desierto se perdió y el que jura que no ha muerto.”

O narrador de “O iluminado” permite ainda que se conheça detalhes do seu passado no qual e pelo qual se perdera, embora em nenhum momento seja feita uma exata identificação da sua figura com a figura do rei de Portugal:

Na adolescência, entendera a cavalaria como exercício de domínio do corpo e forma de sufocar os sofrimentos do espírito(...) conheceu assim a atracção pela luta, pelas guerras, pela morte. Percorreu o país da sua juventude em cima de uma sela à mourisca, montado à gineta, rodeado pela corte, seguido por criados que conduziam azémolas com mantimentos. As gentes despovoavam as aldeias para o verem passar, abandonavam o amanho das belgas, desciam colinas e saltavam valados para lhe pedirem justiça. Mas ele olhava-os de longe, friamente, secamente, imaginando o modo exacto de transformar pobretanas em soldados e todo o povo num exército em armas. Soubera o amor a Deus, exacerbado e violento, mas jamais lhe fora dado sentir o amor pelos homens. (SABINO, 1985, p. 86)

Este “homem que se perdera” e que, na adolescência, conhecera “a atracção pela luta, pelas guerras, pela morte”, era agora apenas pó:

... – Eu já sou pó –, pensava, – não quero a morte pois já a conheço intimamente. A minha nova vida está para lá da minha antiga morte. Procurei-me na transcendência, encontrar-me-ei na dissolução. (SABINO, 1985, p. 86)

Este “homem que se perdera” encontrava-se “suspenso” no tempo. O passado já não existia para ele, pois lá ficara morto, e o seu presente era

apenas um momento de "espera", de transição, uma tentativa de reencontrar-se em meio à sua estagnação:

Outrora, o homem que se perdera julgara-se fadado para uma guerra santa; por Cristo e por sua Mãe, desejara partilhar os frios suportados pelas sentinelas, os perigos dos assaltos, a destruição causada pelas minas, a fome dos cercos, a alegria das pilhagens. Nada disso o atraía agora, e era uma sensação de espera, de atroz e promissora espera que o invadia. (SABINO, 1985, p. 87)

No conto "O iluminado", percebe-se também que, na sua trajetória de penitente para expurgar as suas culpas da vida que vivera, "o homem que se perdera" vai descobrindo um mundo que lhe era desconhecido até então e também a grandeza dos pequenos gestos:

Emocionado, ele pensou que descobertas e conquistas com que tanto sonhara eram indigentes miragens comparadas com a revelação que sabia próxima; em breve ele poderia dizer àquelas gentes espantadas que há Índias, pratas e pérolas no fundo de cada arca, nos odores da madrugada, talvez numa cama desfeita. (SABINO, 1985, p. 88-89)

E é neste ponto que o narrador introduz um acontecimento na vida do "homem que se perdera" que fará com que haja uma mudança em seu comportamento e em seu próprio destino. Esta "revelação que sabia próxima" chega-lhe numa noite do contato carnal entre ele e Doña Teresa. Ela lhe diz:

– Disse-te que quero a fidelidade – recordou ela, tratando-o por tu. O perfume da água de flor de laranjeira impregnava o aposento. – Exigi-te a submissão cega, o teu assombro e não a tua conformação. (SABINO. 1985, p. 89)

O clima entre os dois vem sendo preparado para desencadear-se na relação sexual entre ambos. A exaltação da sensualidade aparece declarada no detalhe do "perfume da água de flor de laranjeira" que pairava sobre a sala na qual eles conversavam e que vai influenciá-los nas suas próximas ações.

Em resposta a ela, "o homem que se perdera" afirma:

– Só quero saber o nome das coisas (...) Há uma intimidade com a existência que é uma revelação. Descobri há pouco que as maravilhas nascem do lodo, tal como os vermes. A vida é um acaso. A morte outro. (SABINO, 1985, p. 89)

Esta *revelação* na vida do "homem que se perdera" proporcionada pela sua "intimidade com a existência" naquele ambiente faz dele um outro homem diferente do homem que fora. Aquele que outrora procurou encontrar-se na transcendência, descobria agora que "a vida é um acaso. A morte outro". Neste ponto, não há mais a crença na vida eterna, na transcendência da alma, elementos existentes na primeira parte do conto e que davam a medida do caráter religioso do rei bem como do seu comportamento quixotesco: "Talvez tenha renascido. Mas uma parte de mim morreu definitivamente e não pretendo desenterrá-la (...) Perdi-me e não me reencontrei. Não fui eu quem regressou. Sou outro. É outro." (SABINO, 1985, p. 89)

E no seu discurso sobre a vida que ele perdeu e que o perdera, ele revela:

- Conheci o esplendor, a adversidade e a morte (...) Recebi os selos do martírio e exerci um poder que só não foi absoluto porque o quis caprichoso. Caí. Não suportaria a piedade ou a cumplicidade dos outros para com as minhas misérias e os meus pecados, por isso me isolei. Quis limpar de cima de mim todos os vestígios de sangue, todos os restos de orgulho. Mas a minha punição era ainda orgulho e desafio. E, no fim da travessia do deserto, faltava-me conhecer tudo... (SABINO, 1985, p. 90)

Assim, aquele homem que queria limpar de sua consciência os erros do passado, que queria libertar-se da vida que tivera, descobriu que, na sua busca pela libertação, faltava-lhe realmente conhecer a vida em sua plenitude, faltava-lhe "conhecer tudo". E é neste momento que ele tem a verdadeira revelação da vida na experiência da relação sexual com a Doña Teresa:

Calou-se. Tomando nas suas as mãos da mulher, beijou-a no pescoço e nos seios. Sentia crescer dentro de si a flor do sexo, como se de repente o Inverno se fizesse Primavera, e a Primavera, Verão, e a semente, flor, e a flor, fruto. Uma intensa luz rósea iluminava a sala, uma seiva oculta movia mesas, cadeiras, cómodas, almofadas e roupas, uma música de invisíveis alaúdes ouvia-se ao longe. E, no meio desse cosmos desordenado e inseguro, os dois amavam-se como o primeiro homem e a primeira mulher da Criação, desco-

briam o pecado original, os velhos saberes e a mais antiga das ciências. Falavam um ao outro em línguas que até então ignoravam, contavam de países que nunca haviam visitado, ousavam gestos que imaginavam desconhecer. (SABINO, 1985, p. 90)

No ato carnal, "o homem que se perdera" conheceu o que lhe faltava conhecer, "tudo". Na junção dos corpos, experimentou os sentidos até então desconhecidos por ele. Sentiu a natureza no seu total processo de desenvolvimento, "como se de repente o Inverno se fizesse Primavera, e a Primavera, Verão, e a semente, flor, e a flor, fruto". E lhe foi possível conhecer o mundo por meio dos sentidos a ele apresentados naquele momento de "êxtase" da relação sexual.

E assim, daquela relação carnal que ele não havia experimentado no seu passado, "o homem que se perdera" atingiu a sua total humanização e ressurgiu para a vida. No trecho abaixo, o narrador apresenta as mudanças neste "homem que se perdera" e que, agora, estava transformado:

Mas o fato preto coçado desaparecera: ele envergava agora uma opa de brocado forrada de pele branca e um gibão de tela prateada; levava à cintura uma adaga de ouro, ao pescoço um colar de pedrarias e na cabeça uma gorra de veludo negro. (SABINO, 1985, p. 91)

A descrição que retrata a transformação do "homem que se perdera" revela o seu estado de iluminação total. No lugar do "fato preto coçado", que representava a escuridão de sua alma naquela busca pela remissão de seus pecados, o homem agora tinha o seu espírito iluminado. As suas novas vestes revelam e refletem este seu novo estado de espírito, vestia agora um "gibão de tela prateada", carregava uma "adaga de ouro" e, ao pescoço, "um colar de pedrarias".

O "homem que se perdera" faz uma alusão à Doña Teresa de que ele havia se reencontrado na vida: "O meu cavalo Pérsio espera-me de novo – disse o homem. Esta lívido, belo e calmo como um deus antigo" (SABINO, 1985, p. 91). E ela reconhece nele todo o seu alumbramento: "Dio mio, estás alumbrado" (SABINO, 1985, p. 91).

Na seqüência da narrativa, "o homem que se perdera montou de um salto, esporeou o cavalo e desapareceu na bruma que ocultava a margem do rio" (SABINO, 1985, p. 91). Alguns meses passados, Doña Teresa, ao ir à catedral, avistou um auto-de-fé:

Numa fogueira ardia já um dos condenados: sentado num barco, o fogo começava a lamber-lhe as pernas e a samarra, no seu rosto jovem desenhava-se a dor contida. – Dizem que é um marrano, um português, um iluminado – informou a aia. (SABINO, 1985, p. 92)

E a reação que ela teve ao reconhecer quem era o homem que estava sendo condenado fora a de desfalecimento total:

Doña Teresa Alvarez sentiu-se desfalecer: nessa pele alva e rubra, nesses cabelos louros, nesses olhos entre verdes e azuis, nesse rouco clamor de revolta e espanto, reconheceu o homem que se perdera e se encontrara. (SABINO, 1985, p. 92)

É importante ressaltar aqui uma relação existente entre este estado "alumbrado" do "homem que se perdera" com a seita mística espanhola existente no século XVI e proibida pela Inquisição, a Ordem Interna dos Alumbrados, a qual possibilitou a condenação do "homem que se perdera" num auto-de-fé.

Alumbrados, ou seja, iluminados, eram denominados os adeptos de um movimento difundido em Castela, no século XVI, que exaltava a busca da perfeição espiritual por meio da iluminação interior. A Ordem dos Iluminados promovia a livre interpretação das Sagradas Escrituras e o desprezo dos sacramentos por considerar que simbolizavam ataduras para o homem no seu relacionamento com Deus. Foram perseguidos pelas autoridades, que defendiam as formas tradicionais de piedade, e conduzidos a excomunhão e a Inquisição no edito de 1525.¹ Entende-se que esta Ordem dos Iluminados tinha o princípio de existência num plano supra-humano, isto quer dizer que, para os Iluminados, o princípio que os dirigia estava diretamente ligado com o plano divino, do invisível e, por isso, sem nenhuma relação com o plano material ou corporal.

Assim sendo, pode-se dizer que há uma certa ironia nesta morte de "um marrano, um português, um iluminado", na fogueira da Inquisição, que se refere ao estado de alumbramento do "homem que se perdera", de acordo com a fala de Doña Teresa: "Dio mio, estás alumbrado", o qual ele atingiu por meio de uma relação sexual, que lhe possibilitou esta iluminação total. Foi, por meio do contato com o plano corporal que "este homem que se perdera" tomou conhecimento de tudo o que lhe faltava conhecer.

¹ Disponível em: <<http://carmelo.com.br/monografias/monografia2.asp>>

Em suma, em “O iluminado” tem-se uma narrativa que, a partir dos documentos históricos acerca da figura de D. Sebastião e da batalha de Alcácer Quibir, cria a história fantasiosa de um “homem que se perdera” e que remete à própria lacuna da História em relação ao destino do rei português, conforme observado anteriormente. Ao imaginar um possível destino para o rei sobrevivente e criar um clima de indefinição em relação à figura sobrevivente, Amadeu Lopes Sabino surpreende e encanta o seu leitor mais uma vez.

RESUMO

Breve análise do conto “O iluminado”, publicado no livro *O retrato de Rubens*, em 1985, do escritor Amadeu Lopes Sabino, que recria a personagem histórica de D. Sebastião, em sua afamada batalha de Alcácer Quibir, bem como cria um destino possível ao rei sobrevivente à batalha, apropriando-se do episódio lendário de sua chegada às portas de Arzila. Assim sendo, por meio de um narrador que segue as fontes históricas para compor o episódio de Alcácer Quibir mas que também segue a sua própria “imaginação” ao fantasiar um possível destino para o rei desaparecido, o conto apresenta uma delimitação entre espaço factual e ficcional dentro da narrativa, numa história que, certamente, surpreende e encanta o leitor.

Palavras-chave: *D. Sebastião; história; imaginação.*

ABSTRACT

Short analysis of the story “O iluminado”, published in the book *O retrato de Rubens*, in 1985, by the writer Amadeu Lopes Sabino, who recreates the historical figure of D. Sebastião in its famous battle of Alcacer Quibir as well as he creates a possible destination to the surviving king after the battle by assuming the legendary episode of its arrival to Arzila. Through a narrator who follows the historical sources to compose the episode of Alcacer Quibir but that also follows his “imagination” to create a possible destination for the disappeared king, *O Iluminado* presents a delimitation between factual and fictional space in the narrative by telling a story that amazes the reader.

Key-words: *D. Sebastião; history; imagination.*

REFERÊNCIAS

- BRANCO, Camilo Castelo. *O Senhor do paço de Ninães*. 7. ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1950.
- BRUNO, Sampaio. *O encoberto*. Porto: Lello & Irmão, 1983.
- CAMÕES, Luiz Vaz. *Os Lusíadas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- FIGUEIREDO, Antero de. *D. Sebastião, rei de Portugal (1554-1578)*. 6. ed. rev. Lisboa: Bertrand, 1925.
- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães, 1951.
- RÉGIO, José. *El-Rei Sebastião*. 2. ed. Porto: Brasília Editora, 1978.
- RIBEIRO, Aquilino. *Aventura maravilhosa de D. Sebastião rei de Portugal depois da batalha com o miramolim*. Lisboa: Bertrand, 1985.
- SABINO, Amadeu Lopes. O Iluminado. In: _____. *O retrato de Rubens*. Lisboa: D. Quixote, 1985, p. 35-58.
- SÉRGIO, António. Interpretação não romântica do Sebastianismo. In: *Ensaios*. Lisboa: Sá da Costa, 1965. Tomo I, p. 239-251.